PROFECIA É PREGAÇÃO?
R. B. Y. SCOTT

A questão levantada no título deste artigo é importante tanto para a teologia bíblica quanto para a compreensão do pregador moderno de seu chamado. "Pregação" e "Profecia" são frequentemente de uso comum vagamente identificados, seja a referência aos antigos profetas hebreus ou ao ministério de púlpito de hoje. As semelhanças e, de fato, a conexão real entre esses termos e os fenômenos que eles representam são óbvias. No entanto, os dois não são de forma alguma idênticos. Pode contribuir para a compreensão mais clara de ambos se buscarmos defini-los histórica e essencialmente, estabelecer a conexão e marcar a distinção entre eles. Dean Sperry observou que o título de Jeremy Taylor, The Liberty of Prophesying, mexeu com a imaginação dos pregadores por trezentos anos, de modo que o costume de falar da pregação como "profecia" deve muito a "esta única frase feliz" .1

Sperry toma como título de suas próprias palestras de Lyman Beecher sobre a pregação da frase paulina Nós Profetizamos em Parte. David A. MacLennan, em seu sábio e útil Preacher's Primer, fala de seguir "a grande tradição dos profetas de Israel" e de buscar "imitá-los como porta-vozes de Deus e de sua justiça".2 Esta última observação sugere com propriedade que a identificação da pregação com a profecia foi motivada pela redescoberta dos profetas hebreus como porta-vozes da vontade divina, em vez de testemunhas antecipadas do Messias. Quando se reconheceu que os profetas falaram em primeira instância para sua própria época, reprovando a iniqüidade, proclamando a vontade de Deus e chamando os homens à obediência, parecia que eles eram de fato pregadores. O pregador cristão, ao contrário, estava "profetizando".

A primeira objeção a isso é, como Sperry comenta, que o termo bíblico importante pode ser facilmente "reduzido ao nível de uma etiqueta profissional comum" .8 Por mais real em um nível mais profundo pode ser a conexão entre a pregação essencial e a profecia essencial, há pouco em comum entre o sermão moderno formal ou a arenga entusiástica, de um lado, e, de outro, a solene e dispendiosa declaração do profeta hebreu da Palavra de Yahweh. Amós viu que todo o seu estilo de vida foi violentamente perturbado pela convocação imperiosa de Yahweh. Jeremiah foi conduzido quase além da resistência; cansado de uma corrida a pé com os homens, ele deve então, por assim dizer, correr com os cavalos. A Palavra de Yahweh havia se tornado dentro dele algo como um fogo ardente que ele não podia conter.4 Um profeta sem nome do século VI descreve em termos inesquecíveis a turbulência psicológica e a angústia espiritual que ele sofreu quando um oráculo divino lutava para nascer dentro dele.5 Não temos o direito de falar de pregação como “profetizar” a menos que seja pelo menos comparável a isso em seu envolvimento pessoal com o pregador, bem como na seriedade espiritual da mensagem.

Pode-se objetar neste ponto - e com bastante propriedade - que semelhante deve ser comparado com semelhante; havia no antigo Israel profecias profissionais comuns, bem como o que podemos chamar de "profecias elevadas". Yahweh disse a Jeremias que os profetas da paz e da prosperidade profetizavam mentiras em seu nome. Ele não os tinha enviado nem falado com eles. Eles se enganaram e proclamaram a realização de seus próprios desejos e dos desejos daqueles que os ouviam. "Ataque Ramoth-Gilead e triunfe!" gritaram os profetas da corte de Acabe, buscando fortalecer por meio de uma sanção divina os planos agressivos do monarca.6 Em nossos dias, de fato, não é totalmente desconhecido que os pregadores revestem de santidade políticas particulares ou um "modo de vida" baseado mais nos desejos humanos do que na vontade de Deus.

Mas isso novamente não chega à raiz da questão, visto que o "falso pregador" não mais do que o "falso profeta" pode ser tomado como representativo de qualquer maneira. A pregação e a profecia são fenômenos primários da tradição cristã e podem ser definidas essencialmente apenas como são vistas historicamente. Há uma distinção clara a ser feita em cada caso entre a função ou atividade, de um lado, e a mensagem resultante, do outro. O anúncio da Palavra é o aspecto subjetivo, e a Palavra proclamada o aspecto objetivo. Em ambos, existem semelhanças e diferenças entre pregação e profecia. A semelhança básica é que cada um é uma forma de proclamação da Palavra de Deus. Em seus contextos históricos, rapidamente se torna evidente que cada termo tem uma conotação mais ampla e mais estreita do que o outro. No Novo Testamento, a pregação tem lugar mais significativo e, no Antigo Testamento, a profecia.

Não pode haver dúvida de que o padrão ou cânone de profecia na tradição hebraico-cristã foi estabelecido pelos profetas pré-exílicos de Israel. Esta foi a era de ouro da profecia. Ao mesmo tempo, sabemos que o termo "profeta" ou "homem de Deus" no Antigo Testamento pode significar qualquer coisa, desde o dervixe extático dos dias de Saul até o apaixonado Amós, o sereno Isaías, o solitário e corajoso Jeremias -; - ou seus discípulos anônimos que acrescentaram muito às escrituras proféticas. Balaão era um, caiu em transe. Samuel era um "vidente" cuja "segunda visão" pode ajudar na recuperação de bens perdidos. Havia profetas da corte e profetas do templo com quem homens como Micaiah ben Imlah - e Jeremias se encontraram em conflito. Eliseu era um "mestre" que presidia um colégio ou comunidade monástica e era creditado na tradição popular por milagres.

É neste contexto que os "profetas da Palavra" podem ser vistos, homens que se recusaram a profetizar o que os homens queriam ouvir, visto que foi Yahweh quem colocou a palavra em sua boca. 8 Micaiah ben Imlah, Amós, Oséias, Isaías, Micah o morastita - esses homens eram diferentes. Suas palavras não eram balbucios incoerentes de dervixes enlouquecidos pelo espírito, 9 mas transmitiam uma mensagem significativa, digna de ser recebida como Palavra de Deus. Sua alegação de estar falando como porta-vozes de Yahweh, e por sua ordem convincente, é justificada, em geral, pela qualidade e substância de suas declarações.

Antes de considerar a profecia como mensagem, devemos observá-la como uma atividade. Profetizar era a mesma coisa que pregar? A noção comum dos profetas, como arengas itinerantes do povo falando para multidões casuais no mercado ou no portão da cidade, dificilmente é exata. As formas de tratamento de muitos dos oráculos deixam claro que foram falados em emblemas públicos representativos de 3 $, onde estavam presentes autoridades seculares e religiosas, bem como o povo. A nação ou comunidade como um corpo coletivo foi o destinatário da mensagem. “Escutai, ó sacerdotes! Prestai atenção, ó casa de Israel! Escutai, ó casa real!” 10

Na verdade, parece que o principal fórum onde a voz do profeta foi ouvida foi o pátio do templo, onde a comunidade se reunia para uma festa determinada ou em uma ocasião especial de jejum ou regozijo. Nosso único vislumbre de Amós em pessoa foi no dia em que ele foi expulso de um templo real por fazer o que foi considerado uma declaração sediciosa ao povo. Isaías teve sua visão e seu chamado em meio às imagens e sons de adoração, aparentemente quando estava entre os oficiantes tão perto do santuário que podia ouvir os pivôs das portas batendo em suas bases. Muito provavelmente foi do mesmo ponto de vista que ele exigiu da congregação: "Quem exige de vocês que pisem minhas cortes?" A predição de Miquéias de que Sião seria arada como um campo foi lembrada quando Jeremias disse quase a mesma coisa, presumivelmente no mesmo lugar, o pátio do templo. Muitos dos oráculos da maioria dos profetas são particularmente adequados quando vistos no contexto de uma ocasião de adoração de culto.11

É bem possível, de fato, que alguns dos profetas cujas palavras foram preservadas no Velho Testamento estivessem, ou tivessem sido, oficialmente ligados aos santuários. Isaías, ao contrário de Amós, não repudiou o título de "profeta"; em vez disso, referindo-se a sua esposa como "a profetisa", ele o aceitou.12

Jeremias pertencia à família sacerdotal do santuário de Anatote; ele foi chamado para profetizar ainda jovem e pode muito bem ter sido um profeta de culto em Anatote antes de vir para Jerusalém. Em qualquer caso, como aprendemos com Jer. 36, ele estava acostumado a proclamar seus oráculos no pátio do templo até que, como Amós, foi excluído do recinto sagrado por algo que havia dito. O fato de Jeremias, Oséias e Miquéias se encontrarem em conflito com o corpo principal dos profetas do culto significa simplesmente que indivíduos de notável integridade moral e percepção espiritual se destacaram dos demais.13

Os oráculos proféticos, como os preservamos por escrito, são, na maioria dos casos, expressos nas formas de discursos públicos - na verdade, na nobre retórica dos mestres das assembléias. Evidentemente, há aqui uma analogia íntima entre as atividades de profetizar e de pregar, especialmente se a sugestão for correta de que os profetas estavam cumprindo os deveres de uma função reconhecida em assembléias públicas de adoração. Se as atividades parecem análogas, o que dizer das formas e da substância? Um oráculo profético em sua essência é a mesma coisa que um sermão?

O oráculo profético como o encontramos nos livros proféticos pode ser definido

como uma declaração divina através dos lábios de um homem que a fala sob uma compulsão divina, e não por sua própria escolha. Seu conteúdo não é o que os homens desejam ouvir ou o que o profeta quer dizer, mas o que Deus quer dizer por meio dele. “O Senhor dos exércitos jurou por mim ouvir”, disse Isaías, “que muitas casas certamente ficarão desertas” .14

“Assim diz o Senhor” significa simplesmente “Esta é a mensagem que o Senhor me ordenou que transmitisse”. A influência é que a mensagem está sendo repetida palavra por palavra.

Ao mesmo tempo, é bastante evidente que a maioria dos oráculos proféticos, como os preservamos no Antigo Testamento, trazem as marcas de uma composição deliberada para entrega ao público. Eles estão em conformidade com certas estruturas literárias estabelecidas e estão relacionados a outras formas literárias. Na melhor das hipóteses, eles exibem uma poesia de fala poderosa e brilhante que claramente não foi produto de uma composição improvisada. É a substância, não a forma, da mensagem que é atribuída à inspiração divina. Em Jer. 22: 10 e 22: 12, por exemplo, temos o mesmo oráculo em duas formas.

A "palavra" de Yahweh parece ter se tornado articulada na mente do profeta como uma ideia germinativa expressa em uma única palavra ou frase. Essa ideia germinal foi então revestida com a rica vestimenta da oratória para a ocasião em que deveria ser proclamada. Amost vê uma cesta de frutas, (qayif), e exclama a palavra em voz alta; em seu ouvido há um eco, (qef), "o fim". Esta é a Palavra de Yahweh, e se torna o oráculo falado: "O fim veio sobre o meu povo Israel." 111 O famoso oráculo de Isaías "um remanescente retornará" (7: 3) é expandido de duas maneiras diferentes em 10: 20- -23; com a ênfase no assunto, é uma ameaça, mas com a ênfase transferida para o predicado, torna-se uma promessa. Muitos exemplos podem ser dados desses oráculos "embrionários" sucintos e de seu subsequente desenvolvimento em formas poéticas e retóricas adequadas para apresentação pública.16

Quase todos esses oráculos literários desenvolvidos pertencem a uma das quatro classes: denúncia, exortação, ameaça e promessa. Às vezes, ocorrem isoladamente, mas com mais frequência em combinação. Eles são distinguíveis até certo ponto por suas estruturas literárias, bem como por seus conteúdos. A denúncia, por exemplo, costuma assumir a forma de denúncia perante testemunhas ("Ouve, ó céus, e dá ouvidos, ó terra") ou dirigida aos infratores ("Ouve

isto, tu que espezinhas os necessitados") . Pode começar com "Ai de ..." ou "Que vergonha ...". A exortação destaca uma série de imperativos: "Lavai-vos, purificai-vos". A ameaça geralmente segue uma denúncia e começa "portanto", "verdadeiramente" ou "eis", introduzindo uma declaração do que vai acontecer. A promessa começa com alguma frase como "naquele dia" ou "nos próximos dias". Em cada caso, geralmente há uma estrutura bastante regular e uma conclusão característica. Assim, a forma do oráculo profético, distinta de sua substância, pode seguir um dos vários padrões literários. Também traz as marcas do estilo individual do profeta por quem é falado. 17

Pode-se afirmar que cada um desses tipos de oráculo declamado publicamente - especialmente talvez a denúncia e a exortação - era uma forma de pregação. O palestrante estava direcionando a um determinado público e situação uma mensagem de imperativos éticos decorrentes de afirmações teológicas. A mensagem era relevante e urgente porque a audiência reunida representava o povo da aliança de Yahweh. A vontade moral do Deus vivo estava sendo apresentada como uma exigência urgente para aqueles que reclamavam seu auxílio e proteção.

Nesse ponto, ficamos cientes do alcance da profecia além da pregação. O profeta não expôs e não aplicou a mensagem de uma escritura escrita ou de uma tradição herdada, embora ele estivesse em uma sucessão viva de profetas que compartilhavam em grande parte as mesmas convicções religiosas e éticas. Ele estava falando em nome de um Deus que realmente havia se revelado aos pais, mas que agora tinha algo novo a dizer. Ele falou como (ou, pelo menos em algumas ocasiões, como se) Yahweh havia naquele momento colocado as mãos sobre ele e colocado palavras em sua boca.18

Quando chegamos aos escritos do Segundo Isaías, estamos em uma atmosfera diferente daquela de Amós ou Jeremias, e parece que estamos lidando com um tipo diferente de profecia. A diferença não está simplesmente no fato de que o profeta está se dirigindo a uma geração que agora recebeu das mãos do Senhor o dobro por todos os seus pecados. A palavra falada deu lugar à mensagem escrita. A profecia está se fundindo com a poesia e a promessa com o evangelho. "Ó Jerusalém, arauto das boas novas ... dize às cidades de Judá: 'Eis o vosso Deus!' "A imagem do Êxodo do Egito se torna um símbolo do novo Êxodo do cativeiro e do desespero. Aqui está a salvação; o Senhor foi, é e sempre será "o Santo de Israel, seu Salvador". Este é um apelo à fé, à esperança, à coragem e à alegria. É uma proclamação de boas novas, um querigma .

Esta profecia escrita do Segundo Isaías, então, é essencialmente a pregação de boas novas. Não se enquadra em nenhuma das quatro categorias proféticas de reprovação e ameaça, exortação e promessa. É um anúncio que declara o que Deus fez e está para fazer. Certamente é significativo que Jesus e os evangelistas se refiram tão freqüentemente aos escritos do Segundo Isaías, o arauto do Antigo Testamento de uma salvação e de um reino próximo.

A qualidade distinta da atividade que é designada "pregação" no Novo Testamento é a proclamação. Esta é a ideia comum aos verbos usados, viz., Kirusso, "anunciar como um arauto", euangelizomai, "trazer boas novas", diangello, "publicar no exterior" e katangello, "proclamar publicamente". Mateus e Marcos falam de João Batista anunciando um batismo de arrependimento em vista da proximidade do reino de Deus e do aparecimento iminente de Alguém mais poderoso do que ele. Nosso Senhor começou aqui, proclamando e também exibindo os poderes da nova era apontados pelos profetas do Antigo Testamento. A pregação apostólica, aliás, declarava o que Deus havia feito: "Saiba com certeza que Deus o fez Senhor e Cristo, este Jesus a quem você crucificou." Foi também uma convocação para agir à luz da nova situação criada pelo anúncio, e uma promessa do que se seguiria: "Arrependei-vos e sede batizados ... e recebereis o dom do Espírito Santo." 20

Quando os escritores do Novo Testamento falam em "profetizar", eles parecem ter em vista uma atividade bem distinta da proclamação do evangelho e do chamado para responder a ele. Essencialmente, o significado é o mesmo que no Antigo Testamento, a saber, "falar em êxtase (e, exceto com os profetas primitivos, inteligivelmente) sob a inspiração imediata da palavra de Deus". Em I Cor. 12: 8-10 este é um dos dons do Espírito distinto da expressão de sabedoria ou conhecimento, de “falar em línguas” e da interpretação de línguas. Romanos 12: 6-8 discrimina entre ensino, exortação e profecia, enquanto em I Coríntios 14: 3, lemos que "aquele que profetiza fala aos homens para edificação, encorajamento e consolação ... [e] edifica a igreja". Aqui, "profetizar" se assemelha à pregação pastoral em vigor, embora, evidentemente, o que se refere seja uma exortação mútua improvisada.

Parece evidente, a partir desta breve consideração da profecia e pregação na Bíblia, que as atividades se sobrepõem, mas que diferem essencialmente na mensagem que tinham a função de proclamar; A profecia era a declaração de que a vontade e o propósito do Deus vivo eram urgentes e relevantes no momento presente em que o povo se encontrava. Deus estava falando diretamente ao seu povo pela boca do profeta, revelando a crise que os enfrentava e pedindo uma decisão de crer e obedecer. A ênfase estava no que Deus estava fazendo e estava prestes a fazer. A nota é declaratória e imperativa. Que Israel ouça e se converta novamente em amor leal ao Gcxl a quem ela professa servir. Sua salvação não é um fato consumado; é uma promessa, condicionada à fé e obediência. “Se você estiver disposto e obediente, você comerá do bem da terra”. “No retorno e no descanso, você será salvo” .21

A pregação, por outro lado, como primeiro exemplificado no Segundo Isaías e levado adiante no Novo Testamento, era o anúncio das boas novas do que Deus havia feito e estava preparado para fazer por aqueles que ouviriam e acreditariam. O anúncio vem acompanhado de um convite: "Venha, compre vinho e leite sem dinheiro e sem preço!" Considerando que a profecia em nome do Senhor do convênio foi dirigida ao povo do convênio, a pregação era para todos os que tinham ouvidos para ouvir e ouvir. No entanto, foi "primeiro para o judeu", se "também para o grego". Para o primeiro, foram as notícias surpreendentes de que Deus visitou e redimiu seu povo; que o Jesus crucificado era realmente Senhor e Cristo. Para este último, era uma notícia nada menos surpreendente que o que Deus havia feito por seu povo antigo, ele também havia feito por todos os homens que iriam fazer seu convênio.

O pregador cristão hoje é o herdeiro tanto dos profetas do Antigo Testamento quanto dos pregadores apostólicos do Evangelho. Ele é também herdeiro do sacerdote e do "sábio" que, como nos diz Jeremias, 22 compartilhava com o profeta a tarefa de falar por Javé no antigo Israel. E ele colocou sobre ele o "cuidado pastoral de todas as igrejas" do apóstolo; ele deve "reprovar, repreender, exortar" e "fazer prova cabal de seu ministério".

Pregar, como o entendemos na igreja de hoje, é um termo mais abrangente do que profecia. Os termos, como vimos, não são sinônimos nas escrituras. Não devemos falar abertamente do pregador como um profeta mais do que devemos descrevê-lo como um apóstolo. No entanto, o ofício profético e a comissão apostólica pertencem ao ministério da igreja e ao pregador individual, visto que ele representa esse ministério e compartilha sua autoridade e responsabilidade. Apenas ocasionalmente - talvez raramente o pregador assume o manto do profeta. Então, ele é dominado pelo senso de responsabilidade de proferir em uma situação particular uma "palavra solucionadora" que ele tem certeza de que Deus lhe deu para falar. Apenas duas vezes em um ministério de pregação de trinta anos, Dean Sperry nos diz, ele sentiu que estava "à margem da experiência" de profetizar.23

Pode-se perguntar se a pregação cristã não teria com mais frequência a autêntica qualidade e autoridade da profecia se entendêssemos melhor a natureza da experiência profética. Esses

homens pertenciam a uma tradição religiosa teologicamente articulada que havia "ganhado vida" neles, de modo que, quando falavam, não estavam apenas debulhando palha velha. Eles foram pessoalmente receptivos à Palavra do Deus Vivo que havia falado aos pais e agora falou com eles. A Palavra não era deles; era de Deus. O profeta era o porta-voz de Deus e seu mensageiro. A Palavra era uma Palavra de iluminação, de repreensão e de intimação. O profeta deve falar; ele não pôde evitar, pois a mão de Deus estava sobre ele.

No contexto desta tradição bíblica, não devemos comparar levianamente - muito menos igualar - nossa pregação com a profecia. Estamos muito familiarizados com a débil homilia, a enfadonha dissertação, o elegante ensaio e, às vezes, infelizmente, com as impertinências do apresentador do púlpito. Mas nossa pregação pode ter algo pelo menos de qualidade profética se percebermos a presença de Deus e seu propósito como os fatores decisivos na situação em que nós e nossos ouvintes nos encontramos. Nossos tempos clamam urgentemente por uma palavra profética - uma palavra de clareza, de poder e decisão, de julgamento e salvação. Há uma conexão essencial entre pregação e profecia, e às vezes uma se funde com a outra. Cada um proclama uma palavra decisiva de Deus. Em um caso, a Palavra é dada ao profeta para publicação em um determinado momento e conjunto de circunstâncias. No outro, é uma Palavra dada de uma vez por todas ao Povo de Deus, de quem o pregador é ministro. Esta é a Palavra do Reino e da Cruz, da Ressurreição e da Parusia.

Proclamar que "Jesus é o Senhor" é uma profecia cristã que, na natureza do caso, vai além do alcance mais distante dos antigos videntes hebreus. Quando, dentro do contexto total da Lei, Profecia e Evangelho, alguma verdade peculiarmente adequada ao momento se apodera da mente e da alma do pregador e clama por ser pronunciado, ele é profeta e pregador também. A declaração urgente da verdade de Deus é profecia. A proclamação do Evangelho é a contrapartida e a conclusão da profecia.

Notas

1. Willard L. Sperry, We Prophesy in Part, Harper Brothers, Nova York, 1938; p. 2
2. David A. MacLennan, A Preacher's Primer, Clarke, Irwin & Co., Toronto, 1950; p. 42
3. Sperry, op. cit., p. 7
4. Amós 7: 14-15; Jer. 12: 5, 20: 9.
5. Isa. 21: 1-10.
6. Jer. 14:14; I Reis 22:12.
7. Cfr. É sou. 10: 5-10; Num. 24: 4; É sou. 9: 1-10; Jer. 26: 7-11; 2 Reis 4:38; 6: 1.
8. I Reis 22: 13-14.
9. I Sam. 10: 6-10; I Reis 18: 28-29.
10. Hos. 5: 1: cf. É um. 1:10: Jer. 2: 4.
11. Amós 7: 10-13; É um. 6: 1-8; 1:12; Jer. 26: 17-19.
12. Isa. 8: 3.
13. Cfr. Jer. 1: 1-10; 28: 1-11; Os. 4: 5; 9: 7; Microfone. 3: 5-7.
14. Isa. 5: 9.
15. Amós 8: 1-3.
16. Cfr. Jer. 1: 11-12; É um. 7: 3; 8: 1-4; Jer. 20: 3-6.
17. Cfr. É um. 1: 2; Amós 8: 4; 6: 1; É um. 1:16; Jer. 22: 18-19; 23: 2-7.
18. Cfr. Amos 7:15; É um. 6: 8-10; Jer. 1: 9.
19. Amós 3: 7.
20. Atos 2: 36, 38.
21. Isa. 1:19; 30:15.
22. Jer. 18: 18.
23. Sperry, op. cit., p. 28